

o verde-oliva

Centro de Comunicação Social do Exército | Brasília, fevereiro de 1983 | Ano X | N.º 83

Marechal Mascarenhas de Morais

A Campanha da FEB

O adestramento contribui para a coesão dos integrantes da Força Terrestre, particularmente existindo a cooperação entre as Armas, Quadros e Serviços.

5.ª Bda C Bld

A 5.ª Brigada de Cavalaria Blindada realizou transposição do Rio Guandu, na região de Campo Grande—RJ, contando com o apoio do 1.º BE Cmb.

A operação fez parte do aproveitamento do êxito de uma Força-Tarefa de Regimento de Carros de Combate, durante a qual foi necessária a transposição imediata do curso de água obstáculo.





12.º B E Cmb

O 12.º Batalhão de Engenharia de Combate (Alegrete—RS) realizou a construção de um viaduto com o material da Ponte BAILEY, que teve por finalidade coroar o período de adestramento.

15.º R C Mec

O 15.º Regimento de Cavalaria Mecanizado (Rio de Janeiro—RJ) realizou, em Itaguaí—RJ, um exercício de nível Unidade em conjunto com o 21.º BLog e apoiado pela 1.ª Cia PE; constou de: realização de marcha motorizada, reconhecimento, ocupação de posições (diurna e noturna) e contra-ataque de desaferramento.





28.º BIB

O 28.º Batalhão de Infantaria Blindado (Campinas—SP), após deslocar-se de sua sede para Itirapina—SP, utilizando transporte ferroviário para todo o seu efetivo, incluindo 48 Carros Blindados, realizou, naquela área, o exercício "O Batalhão em Operações Ofensivas".

Buscando o maior realismo possível, foram desenvolvidas as seguintes operações de combate: ocupação de uma Z Reu, com desdobramento dos trens e das peças de manobra; transposição imediata de curso de água; ataque a uma posição sumariamente organizada e aproveitamento do êxito.

Foi empregado, com grande êxito, o carro lançador de ponte.

A Campanha da FEB

NR: Este artigo serve de subsídio para a elaboração de palestras sobre a FEB

O Nazi-Fascismo incendeia o mundo

A cruenta experiência da 1.ª Guerra (1914-1918) não serviu para solucionar os graves problemas internacionais que a motivaram. O período que se seguiu, pródigo em insatisfação social, flutuações políticas e dificuldades econômicas, preparou o surgimento e o fortalecimento de ideologias totalitárias de esquerda e de direita.

A situação do Estado Alemão, após a guerra, deteriorara-se progressivamente. A par do cerceamento externo imposto pelos aliados, desenvolvera-se séria crise político-econômica, agravada pela instabilidade social. Facções políticas extremadas disputavam o controle da chamada República de WEIMAR.

ADOLF HITLER, mentor e líder do Nacional-Socialismo, subiu ao poder em 1933, assenhoreando-se da máquina estatal. Iniciava-se, então, a escalada para a guerra com a restauração do poderio alemão, submerso pelo Tratado de VERSALHES (1918).

Em 1936, a ITÁLIA atrelava-se aos desígnios alemães com a formação do eixo BERLIM-ROMA, que a adesão do JAPÃO em 1940 transformou no Pacto Tripartite.



(Fig 1)

A inoperância da Liga das Nações e as hesitações das nações livres propiciaram ambiente para as primeiras investidas de HITLER em 1938, com a anexação da ÁUSTRIA e a partilha da TCHECOESLOVÁQUIA. Eram os primeiros passos para a suprema aventura da conquista do mundo (Fig 1).

A 1.º de setembro de 1939, a ALEMANHA invade a POLÔNIA. FRANÇA e INGLATERRA envolvem-se no conflito em favor dos poloneses.

A UNIÃO SOVIÉTICA, quinze dias depois, entra na POLÔNIA para apossar-se da parcela do território polonês, que lhe assegurara a partilha firmada pelo Pacto de Não-Agressão (1939) germano-soviético (RIBBENTROP-MOLOTOV). Consolidando a expansão de seus exércitos, invadiu também a FINLÂNDIA (novembro de 1939) e anexou a LITUÂNIA, a LETÔNIA e a ESTÔNIA (julho de 1940).

A guerra generalizou-se na EUROPA, durante o ano de 1940. HITLER invadiu a ESCANDINÁVIA, os PAÍSES BAIXOS e a FRANÇA. Estava em curso o mais amplo e sangrento conflito a que a humanidade assistiu.

Agressão ao Brasil

O BRASIL assumiu posição de neutralidade em relação à luta travada em terras européias, coerente com as tradições pacifistas e de tolerância, onde a diplomacia sempre teve precedência na solução dos litígios internacionais. A atitude brasileira inseria-se no contexto da neutralidade continental, declarada pelos chanceleres americanos no PANAMÁ (outubro de 1939).

A evolução da guerra e as tentativas de HITLER de estendê-la ao nosso hemisfério provocaram uma reunião de Consulta dos Chanceleres em HAVANA (julho de 1940). Estabeleceu-se, então, a solidariedade continental contra agressões externas aos países americanos.

O ataque japonês a PEARL HARBOUR (dezembro de 1941) trouxe ao RIO DE JANEIRO a terceira Reunião de Consulta, em janeiro de 1942. Rompemos relações com o JAPÃO, a ITÁLIA e a ALEMANHA.

A guerra submarina recrudescia. As forças nazi-fascistas já operavam no noroeste da ÁFRICA. Nossa situação geográfica impôs, de imediato, a distribuição de efetivos do Exército em áreas sensíveis ao longo do litoral, o intenso patrulhamento das costas e a proteção ao tráfego marítimo pela Marinha e pela Força Aérea.

A partir de fevereiro de 1942, iniciaram-se os afundamentos de navios brasileiros, inclusive em nossas águas territoriais. Foram atacados 31, causando um milhar de inocentes e indefesas vítimas, entre tripulantes e passageiros.

A insólita agressão mobilizou a nação brasileira em defesa da nossa honra e da nossa soberania. O BRASIL engajou-se, com a declaração de guerra à ALEMANHA e à ITÁLIA, pelo nosso governo, em 22 de agosto de 1942.



(Fig 2)

O Brasil entra na Guerra

A invasão americana no Norte da AFRICA, em novembro de 1942, afastava a possibilidade de extensão do conflito ao território americano. Desde então, configurou-se como efetiva a intervenção brasileira. Em despacho à Exposição de Motivos do Ministro da Guerra, propondo a organização de uma força expedicionária destinada a combater fora do continente, o Presidente da República afirmou:

"... o estado de guerra em que nos achamos impõe-nos o dever de preparar um Corpo Expedicionário para colaborar nas operações de guerra, onde e quando for necessário, de acordo com nossos aliados..."

(Março de 1943)

Com os entendimentos a nível dos governos em andamento, já em 9 de agosto de 1943, a Portaria Ministerial n.º 47-44 estabelecia as normas gerais para a estruturação da 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1.ª DIE).

O contexto político-econômico, em que vivia o mundo, gerava distorções estruturais no sistema internacional, que os aliados tentaram compor ao fim da 1.ª Guerra (1914-1918). Os percalços da recessão do início da década de 30 e

segue

a crescente instabilidade política, que culminou no conflito de 1939/45, acarretaram séria desorganização na vida das nações.

O BRASIL, país de base econômica agrícola e incipiente indústria, a par dos poderosos reflexos da conjuntura internacional, ressentia-se ainda da instabilidade institucional gerada pelas situações revolucionárias de 1930, 1932 e 1935.

A decisão governamental veio ao encontro das aspirações patrióticas do povo. Ainda que a mobilização nacional, em especial nos campos econômico e militar, gravasse pesado ônus aos brasileiros, à Nação era extremamente cara a defesa dos valores e ideais de liberdade violentados pelo totalitarismo. O grande desafio seria superado com o mesmo desassombro com que nos mobilizáramos no passado, em face das mais graves ameaças ao país.

A 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária

Para a organização, concentração, instrução e treinamento dos efetivos destinados a se constituírem na Divisão Brasileira avultavam obstáculos da mais variada natureza. Emerge, nesta hora crucial, a figura ímpar de seu comandante, nomeado em 07 de outubro de 1943, o General de Divisão JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES.

Responsável, enérgico, discreto e incansável, percorreu objetivamente todas as etapas desta árdua preparação, ameaçada pelo exíguo prazo. Exemplo de líder, soldado e patriota, sua ação de comando projeta-se no tempo como um dos mais significativos fundamentos do êxito da FEB.



RUMANDO PARA A EUROPA



(Fig 3)

O que se passava na guerra

Esta era a situação da EUROPA no final de 1943, com os aliados já de posse do Norte da ÁFRICA e parte do território italiano (Fig 4).



(Fig 4)

No Teatro da ITÁLIA, as operações desenvolvidas a partir das costas africanas compreenderam ações que, da SICÍLIA, adentraram o continente com sucesso (Fig 5).



(Fig 5)

Os aliados venciam a tenaz resistência do inimigo, recalcando-o para o Norte, contra o paredão dos APENINOS.

HITLER decidira, em Out 43, manter a posse de ROMA e defender a linha BERNHARD (Fig 6).



(Fig 6)

O Comando Aliado do MEDITERRÂNEO estabelecera maior prioridade para o Teatro de Operações da FRANÇA, decidindo invadi-la.

Quando o 1.º Escalão da FEB aportou em NÁPOLES, a 16 de julho de 1944, o inimigo já se sentia pressionado contra o próprio território. A NORMANDIA fora invadida no dia 06 de junho, em operação denominada OVERLORD. Apesar das encarniçadas batalhas sustentadas pelos alemães, desde as praias do Canal da MANCHA, era irreversível o avanço aliado (Fig 7).



(Fig 7)

A partir de Jul 44, o principal objetivo da campanha italiana era a fixação de importantes efetivos do Exército Alemão na península, de forma a impedir a transferência de divisões de reconhecido valor para outras frentes (Fig 8).



(Fig 8)

Para a tropa aliada, significava permanente ofensiva, quaisquer que fossem as condições de tempo, de efetivo e de desgaste físico.

As inóspitas montanhas e os férteis vales do Norte da península itálica, onde as lembranças do passado histórico ainda eram vivas, constituiriam a moldura inesquecível da trajetória gloriosa da FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB).

Situação da tropa brasileira

A 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária estava enquadrada pelo V Exército Americano, subordinada diretamente ao IV Corpo de Exército.

Para participar da intensa ofensiva daquele outono, programada pelo IV Corpo de Exército, foi organizado o destacamento FEB que atuaria no vale do Rio SERCHIO. Era constituído pela tropa do 1.º Escalão que, desde julho de 1944, ultimava o seu adestramento para o combate na região de VADA. Comandava-o o Gen EUCLYDES ZENÓBIO DA COSTA (Fig 9).



(Fig 9)

ROTEIRO (15 SET 44 – 30 OUT 44) (Fig 10).

15 SET — Substituição da tropa americana na linha de VECCHIANO e FILETTOLE
16 SET — Ocupação das localidades MASSAROSA e BOZZANO
18 SET — Captura da localidade de CAMAIORE
26 SET — Conquista das alturas de MONTE PRANO
28 SET — Rocada para o vale do Rio SERCHIO
06 OUT — Ocupação de Fornaci. Captura de uma fábrica de munições e acessórios para aviões, quase intacta.
16 OUT — Ocupação de BARGA e GALLICANO



(Fig 10)

segue

Completa-se o efetivo da 1.ª DIE

Com o desembarque dos 2.º e 3.º Escalões a 06 Out 44 em NÁPOLES, chegaram do BRASIL as demais Unidades componentes da 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1.ª DIE). O Gen MASCARENHAS DE MORAES assumiu o controle de seus meios em 1.º Nov 44.

A substituição da tropa brasileira engajada face a CASTELNUOVO DI GARFAGNANA, a partir de 4 Nov 44, marcou a rocada para o vale do RENO, onde a Divisão passou a atuar até a estabilização da frente de combate com a chegada do inverno (Fig 9).

A ampla e movimentada frente de 18 km, guarnecida pela 1.ª DIE, defrontava-se com o forte conjunto defensivo inimigo, postado no maciço M. BELVEDERE — MONTE CASTELLO.

A manutenção desta "linha de inverno", sob neve e baixas temperaturas (até 18 graus negativos), forçou o emprego simultâneo de quase todos os meios, através de agressivo contato com o inimigo, em ações de patrulhas e fogos defensivos de artilharia e morteiros.



(Fig 11)



(Fig 12)

A inclemência do tempo, os íngremes paredões dos APENINOS e a tenaz resistência do inimigo formaram o cenário, onde se destacaram o alto grau de adestramento e a combatividade do soldado brasileiro, no conjunto das forças aliadas em operações na área.

"Tropical, tendo vivido em país de grandes planícies e temperatura amena, o soldado brasileiro, apesar disso, cedo se adaptou ao rude inverno dos píncaros apeninos. Durante a estabilização defensiva de sua Divisão, num período de sessenta dias, suportou ao relento as nevadas inclementes e as emoções fortes das madrugadas cortantes."

(Mar MASCARENHAS DE MORAES)

Preparava-se nossa Divisão para a próxima fase do combate, instruindo-se à retaguarda, adestrando-se na linha de frente e concentrando suas reservas físicas e morais para a gloriosa arremetida, iniciada em MONTE CASTELLO a 21 Fev 45 e encerrada a 29 Abr 45 em FORNOVO, com a rendição do inimigo.

O Serviço Especial da FEB publicava um periódico informativo denominado CRUZEIRO DO SUL. Dele extraímos este interessante soneto:



O CRUZEIRO DO SUL

DESLEAIS, DESHUMANOS E TRAIÇOEIROS

AS TRANSMISSOES DA F. E. B.

(Fig 13)

COM OS PÉS GELADOS ...

Que culpa tenho eu de ter nascido
Em terra cuja lua é reluzente?
Que culpa tenho eu de ter vivido
Em Pátria cujo Sol é tão ardente?

Que culpa tenho então de haver mudado
O rótulo da vida e o paradeiro?
Não sou acaso um nobre e bom soldado,
Não sou, por certo, um simples brasileiro?

Saudades hei de ter da minha terra,
Saudades hei de ter do seu calor,
Nos dias que vivemos nesta serra.

O que porém não gosto é deste frio...
Não sou nem "pingüim" nem "urso branco"...
Eu sou da terra quente, eu sou do Rio.

ZÉ CARIOCA

("O Cruzeiro do Sul" de 1.º de fevereiro de 1945 — 3.ª página.)

Inicia-se a ofensiva do IV corpo de Exército

O Comando do IV Corpo de Exército Americano, que enquadrava a tropa brasileira, decidiu realizar na segunda quinzena de fevereiro de 1945, uma ofensiva local que precederia a outra, de grande envergadura, a desencadear-se na primavera.

O plano previa, inicialmente, um ataque de flanco da 10.ª Divisão de Montanha americana, em 19 Fev 45, sobre M. BELVEDERE — M. GORGOLESCO — M. DELLA TORRACIA (Fig 14).

À 1.ª DIE cabia, a partir de 21 Fev 45:

capturar MONTE CASTELLO;

— limpar o Vale do RIO MARANO e apossar-se de SANTA MARIA VILLIANA; e

— capturar **TORRE DE NERONE e CASTELNUOVO.**

REGIÃO DE MONTE CASTELLO - CASTELNUOVO



(Fig 14)

O Ataque

Ainda na noite de 20 Fev 45, desde as 20 horas, um Batalhão de Infantaria brasileiro substituía os americanos em MAZZANCANA que, juntamente com GAMBAIANA e LE RONCOLE, constituía a base de partida para o ataque da manhã seguinte (Fig 15).

Às 0530 hs do dia 21 Fev 45, partiram nossas tropas. Ao ímpeto de nossa progressão, o inimigo contrapunha enérgica e crescente resistência. Apoiados pelo violento e preciso bombardeio da artilharia do Gen CORDEIRO DE FARIAS, nossos batalhões redobraram a impulsão do ataque pressionando as defesas inimigas, cada vez mais agressivamente.

Cada momento daquele longo dia foi balizado indelevelmente pela bravura, pelo denodo e pelo desassombro com que nossos infantes galgaram os contrafortes do famoso baluarte.

Já às 1720 hs deste glorioso 21 de fevereiro de 1945, caía MONTE CASTELLO e a Bandeira Nacional era hasteada nas alturas dos APENINOS.



(Fig 15)

"Assim, Monte Castello passava arduamente para as mãos brasileiras.

Com a captura de tal elevação, escreveu a Força Expedicionária Brasileira o capítulo mais emocionante de sua vida.

Monte Castello, com resistir durante três meses às investidas das armas aliadas, erigira-se na cidadela da presumida invencibilidade germânica.

Para os brasileiros, no entanto, representava um símbolo e um marco na vida de nossa tropa em terra de ultramar.

Constituiu o índice do valor de nossa gente.

Significou a sangrenta forja de nossa agressividade. Traduziu a odisséia anônima das atrevidas incursões de nossas patrulhas, avançando sob nevadas cortantes no gelo resvaladiço, a se esgueirarem através dos núcleos da defesa inimiga, em busca do prisioneiro e da informação.

Sumidouro de centenas de vidas patrícias, sua captura pelas nossas forças constituiu dever de consciência e imperativo de dignidade militar.

Assinalou o início de uma série de vitórias que elevaram o nome do BRASIL e o prestígio de nosso EXÉRCITO."

(Mar MASCARENHAS DE MORAES)


(Fig 16)

"O honroso desempenho das tropas brasileiras, sob o vosso comando, estabelece um padrão elevado que servirá para estimular todos os outros elementos de vossa Divisão, quando chegar a oportunidade de lançá-los em novas ações de ofensiva.

Meus cumprimentos, oficiais e pessoais, são extensivos a vós pela excelente ação de comando."

(Ofício de 26 de fevereiro de 1945, do Major-General WILLIS D. CRITTENBERGER, Comandante do IV Corpo de Exército ao Gen MASCARENHAS DE MORAES, Comandante da 1.ª DIE).

O Combate de La Serra.
(23/25 Fev 45)

O plano ofensivo do IV Corpo de Exército previra que, em ações simultâneas, brasileiros e americanos conquistassem, respectivamente, MONTE CASTELLO e M. DELLA TORRACIA (Fig 14).



(Fig 17)

O nosso Comandante de Divisão, Gen MASCARENHAS DE MORAES, entendeu que a conquista da região de COTA 958 — LA SERRA prolongaria o desdobramento, cooperando para a captura de M. DELLA TORRACIA.

Às 2130 horas de 23 Fev 45, desfechou-se nosso ataque. A rapidez e agressividade do movimento permitiu que, já às 2300 horas, conquistássemos COTA 958 — LA SERRA (Fig 17).

O inimigo desencadeou rápida e desesperada reação, através de três obstinados contra-ataques, apoiados por violento fogo de artilharia e morteiros. Durante sete horas, a tenaz e estóica resistência de nossos infantes frustrou-lhe o intento.

Ao findar 25 Fev, a 1.ª DIE atingira a linha RONCOVECCHIO-SENEGLIO, encerrando exitosamente cinco árduas e sangrentas jornadas.

Embora a posse de MONTE CASTELLO propiciasse desdobramento de M. DELLA TORRACIA e significativo apoio às operações da 10.ª Divisão de Montanha, esta não obtivera êxito e encontrava-se detida em LA POSSIONE (Fig 17).

CASTELLO e LA SERRA constituem sem dúvida as passagens mais significantes e de maior duração vividas pela Força Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações da ITÁLIA, contra um inimigo obstinado e aguerrido."

(Mar MASCARENHAS DE MORAES)

segue

Após MONTE CASTELLO — LA SERRA, foi reajustado o dispositivo de nossa Divisão tendo em vista o prosseguimento. Na jornada de 3 de março, foi atingida a linha CA DI GIANSIMONDI – ROCCA PITIGLIANA. No dia 4, ocupávamos S. MARIA VILLIANA e MONTE DELLA CROCE (Fig 18).

A limpeza do vale do Rio MARANO fora concluída. A Divisão estava em condições de conquistar CASTELNUOVO.

Conquista de Castelnuovo

O ataque partiu na manhã de 5 de março de 1945. Sob forte resistência inimiga e sofrendo pesado fogo de artilharia, morteiros e armas automáticas, a progressão estendeu-se pelo dia afora. O bombardeio continuado provinha especialmente de CASTELNUOVO e de **SOPRASSO**, **obstáculo** de vulto ao nosso avanço (Fig 18)

Já era noite quando os primeiros combatentes brasileiros penetraram em CASTELNUOVO. Encerrava-se a árdua e cruenta captura do baluarte alemão.

Ações no vale do Marano



(Fig 18)

Atividades iniciais no vale do Rio Panaro (06 Mar 45/08 Abr 45)

A ofensiva do IV Corpo de Exército foi suspensa em 7 Mar 45. Processou-se a rocada para o vale do RIO PANARO, onde fora estabelecida uma linha defensiva temporária (Fig 19).

Esta atitude permitiria ao IV Corpo a recuperação do intenso desgaste sofrido desde o vale do RENO e o reajustamento do dispositivo. Tratava-se de ultimar os preparativos para a Ofensiva da Primavera, a ser desencadeada pelo V Exército.

No período, executaram-se os recompletamentos necessários. No setor brasileiro, frente ao maciço de MONTESE, conduziram-se ações de patrulha e de reconhecimento, de forma continuada e agressiva.

As atividades do inimigo limitaram-se a tentativas de infiltração e golpes de mão, prontamente repelidos.

Como estava a guerra na Europa em abril/45

Era iminente o esfacelamento das forças nazi-fascistas. No centro da EUROPA, os exércitos alemães, desgastados e sucessivamente derrotados, eram pressionados pelos aliados entre os Rios ODER e RENO.

HITLER persistia em combater até o último homem, em defesa do que chamava "reduto nacional". Baseavam-se nesta decisão as ordens que baixava de seu abrigo de Wilhelmstrasse — Berlim.

Na ITÁLIA, ainda existiam três Exércitos nazi-fascistas livres para atuar, em condições de resistir ao avanço aliado através de linhas defensivas. Favorecia esta atitude o terreno montanhoso, de extrema dificuldade para as operações ofensivas. As vulnerabilidades do sistema defensivo deviam-se a problemas logísticos, em especial à escassez de suprimentos. Apesar da superioridade aérea e do êxito da contínua ofensiva dos aliados em direção ao Norte, aqueles exércitos não haviam perdido sua capacidade de combate.

A Ofensiva da Primavera (07 Abr 45/02 Mai 45)

A idéia de manobra consistia, em linhas gerais, em atingir o vale do Rio PÓ e bloquear a principal rota de retraimento dos exércitos alemães, o passo de BRENNER nos ALPES.

A Divisão brasileira coubera, inicialmente, conquistar MONTESE, explorar o êxito até o corte do Rio PANARO e progredir na direção ZOCCA-VIGNOLA.

Montese (14 a 18 Abr 45)

Entre 7 e 13 Abr 45, a força brasileira sofreu um reajustamento necessário ao desencadeamento da Ofensiva.

Frente às posições brasileiras, destacava-se o Maciço de MONTESE que compunha, com outras elevações próximas, uma região-chave para a defesa inimiga (Fig 19).

O ataque iniciou-se às 1330 hs do dia 14 Abr, precedido da ação de fortes patrulhas, bombardeio aéreo e de artilharia, pela manhã.

Às 1500 hs, já os primeiros brasileiros penetravam na localidade de MONTESE. O inimigo, bem postado nas alturas vizinhas, resistia tenazmente, apoiado em nutrido e contínuo fogo de canhões e morteiros.

Durante as jornadas de 15, 16 e 17 Abr 45, reagiu desesperadamente para manter as regiões dominantes, sem sucesso.



CONQUISTA DE MONTESE (14 ABR 45) – ZOCCA (21 ABR 45)

(Fig 19)

Registrava-se mais um árduo e glorioso êxito das armas brasileiras e, já em 18 Abr 45, a nossa divisão reorganizava seu dispositivo para o prosseguimento.

"Foram quatro jornadas severas, vividas sob os mais pesados bombardeios que tropas brasileiras experimentaram durante a Campanha em território italiano.

Conseguiram as armas patrícias vergar a resistência do inimigo e desmantelar, de forma definitiva, o renitente bastião de MONTESE.

MONTESE, realmente, era objetivo de manifesta importância e de significação especial na manobra ofensiva do IV Corpo."

Gen MASCARENHAS DE MORAES

segue

Zocca (21 Abr 45)

O inimigo retraía em toda a frente. Durante as jornadas de 19 e 20 Abr, a missão consistiu em prosseguir na direção ZOCCA — M. ORSELLO, limpando a margem oriental do Rio PANARO e capturando os elementos dispersos do inimigo (Fig 19).

Ao término de 20 Abr, já próximos de ZOCCA, os brasileiros encontraram dificuldades em capturar esta localidade, em face da obstinada resistência alemã.

No dia seguinte, ao alvorecer, era tentada a captura de ZOCCA ocorrida sob escasso bombardeio, já que o inimigo desistira de reagir como na véspera.

Vignola

Durante a progressão do dia 22 Abr, encontraram-se resistências isoladas. O inimigo buscava retardar o avanço, utilizando campos minados e significativo número de destruições, especialmente ao longo das estradas.

Em fim de jornada, os brasileiros chegaram às imediações de VIGNOLA. Terminava o aproveitamento do êxito. Nos quatro dias em que durou, foi conquistada a parte oriental do curso médio do Rio PANARO (Fig 20).

A perseguição ao inimigo

O dia 23 Abr marcava o início da perseguição ao inimigo. Cabia-nos a cobertura do eixo MODENA-PLACENZA, o que significava nova zona de ação (Fig 20).

A nova direção de progressão infletia de VIGNOLA para SASSUOLO e MONTECCHIO, chegando até à margem do Rio TARO na localidade de COLLECHIO. Posteriormente, seguia por PIACENZA, ALESSANDRIA até atingir TURIM.

A nova missão implicava em estabelecer, de imediato, uma cabeça de ponte sobre o Rio SECCHIA, com a finalidade de impedir o movimento do inimigo para o Norte, através da Estrada n.º 12.

Ocupação do rio Secchia

A 23 Abr, o inimigo exercia limitada ação retardadora com pequenos grupamentos esparsos. Ao término do dia, alcançávamos a margem ocidental do rio SECCHIA (Fig 20).

Entrávamos na posse de significativo trecho da Rodovia n.º 12 em condições de cortar a retirada do inimigo entre os Rios PANARO e SECCHIA.

Ocupação do rio Enza (24 e 25 Abr 45)

Transposto o SECCHIA, durante a noite de 24 Abr foi atingida a localidade de SAN POLO D'ENZA, sem contato com o inimigo. Por decisão do comandante brasileiro, no dia seguinte foi ocupado o corte do Rio ENZA e os reconhecimentos lançados até o Rio PARMA. Com isso, interceptavam-se os movimentos do inimigo, especialmente na Estrada n.º 63. Este, por sinal, não oferecia reações ao movimento, indício revelador de que seu dispositivo ruía (Fig 20).

Combate de Collechio

(24 e 25 Abr 45)

Ao amanhecer de 26 Abr, a Divisão foi lançada para iniciar a perseguição de uma divisão inimiga, entre os cortes dos Rios ENZA e TARO. Informações do IV Corpo de Exército davam conta de que aquela tropa processava uma retirada rumo ao Norte, com a direção provável de PARMA.

O movimento brasileiro visava ao bloqueio das estradas transversais, principalmente a n.º 62. Reconhecimentos expedidos à frente, entraram em luta com forças superiores em COLLECHIO, na tarde de 26 Abr. O rápido deslocamento de nossa tropa, por decisão de seu comandante, permitiu que ela, já às 1530 hs, entrasse em contato com o inimigo nas orlas da localidade, em socorro aos elementos avançados (Fig 20).

Às 1930 hs partiu o ataque sob cerrado fogo, que dificultava sobremodo o avanço. A luta adentrou a noite. A vanguarda já combatia no interior de COLLECHIO, mas o inimigo não cedia e, antes do amanhecer, tentou, em vão, um rompimento desesperado do cerco.



(Fig 20)

Após três horas de lutas intensas e desgastantes, foi ocupada a cidade e iniciada a limpeza. Às 1200 hs de 27, a força alemã fora dominada, com avultadas perdas.

Combate de Fornovo (28 Abr 45)

Na tarde de 27 Abr, a Divisão estava desdobrada na bacia do TARO e recebera informações de que a 148.ª Divisão de Infantaria alemã estava atuando na área. Poderia alcançar a Rodovia n.º 9, entre REGGIO e FIDENZA (a noroeste de PARMA), por várias estradas (Fig 20).

O nosso dispositivo permitia cercar os alemães na região de FORNOVO e capturá-los.

As 1500 hs de 27 Abr 45, elementos brasileiros passaram a operar naquela área e ocuparam as cristas dominantes do povoado próximo de RESPICCIO. Um ultimato de rendição incondicional foi levado ao inimigo às 0900 hs do dia 28 Abr.

A resposta, em tom protelatório, só chegou após o meio dia.

Às 1300 hs, foi lançado potente ataque a FORNOVO, alcançando as cercanias da localidade ao entardecer. Cercado, o inimigo tenta abrir caminho através de desesperados contra-ataques às 2100 hs e a uma hora da manhã de 29 Abr.

Comprimia-se o cerco. RESPICCIO caíra e na margem ocidental do TARO, forte pressão era exercida sobre o dispositivo inimigo, que se contraiu acossado para o perímetro de FORNOVO (Fig 20).

A rendição às armas brasileiras verificou-se nos dias 29 e 30 de abril de 1945.

Coroou-se a gloriosa participação da 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária na Guerra com o cerco, derrota e aprisionamento da 148.ª Divisão de Infantaria alemã, com todos os seus meios.

Primorosa manobra, hábil e oportunamente planejada e incisivamente conduzida por seu Comandante, Gen MASCARENHAS DE MORAES, a operação merece destaque entre os feitos singulares de nossa História.

Informe VO

Homenagem a ex-combatente

O 1.º Regimento de Carros de Combate (Rio de Janeiro—RJ) homenageou a Associação Nacional dos Ex-Combatentes.

A programação constou de formatura geral da Unidade, Canção do Expedicionário, palavras do Comandante, desfile da tropa e visita ao aquartelamento.

Compareceram ao 1.º RCC 160 ex-combatentes, inclusive algu ex-integrantes do 1.º BCC, nome original da unidade.



Torre de Santa Bárbara

Foi realizada no quartel do 10.º Grupo de Artilharia de Campanha (Fortaleza—CE) a inauguração da torre de Santa Bárbara, padroeira da Artilharia Brasileira.



Aniversário de OM



O 1.º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Valença—RJ) — Esquadrão Tenente Amaro — comemorou o 39.º aniversário de sua criação. Dentre as festividades, mantendo vivas as tradições da Cavalaria, foram realizadas demonstrações eqüestres e provas hípicas.

Reunião de Chefes de Divisão de Levantamento

A Diretoria de Serviço Geográfico reuniu em Brasília os Chefes de Divisão de Levantamento.

Foram apresentados e analisados os resultados obtidos pelo Programa Interno de Trabalho de 1982, o Programa de Trabalho para 1983, os estudos relativos à padronização de convenções cartográficas entre a DSG e o IBGE e outros relativos às especificações técnicas para gravação de Mapas Índice, à nomenclatura de Cartas-Imagem de Satélite e à constituição das turmas empregadas em trabalhos de campo.

Em 1982, foram impressos 382 documentos cartográficos, englobando: Cartas Topográficas, Cartas Militares, Cartas de Transitabilidade de Blindados, Cartas de Hidrografia, Cartas de Orientação, Cartas-Imagem de Satélite, Cartas-Imagem de Radar e Plantas de Áreas Patrimoniais, perfazendo um total de 1.963.913 Km2, equivalente aos Estados do Amazonas, Maranhão e Paraíba.

Este trabalho é vital para o Exército porque sem cartas adequadas e precisas não se pode planejar nem executar operações militares.

Padroeira dos Militares

Como acontece todos os anos, foi realizada, no saguão do Comando do II Exército a missa solene em homenagem à Nossa Senhora da Conceição, Padroeira dos Militares do Brasil.

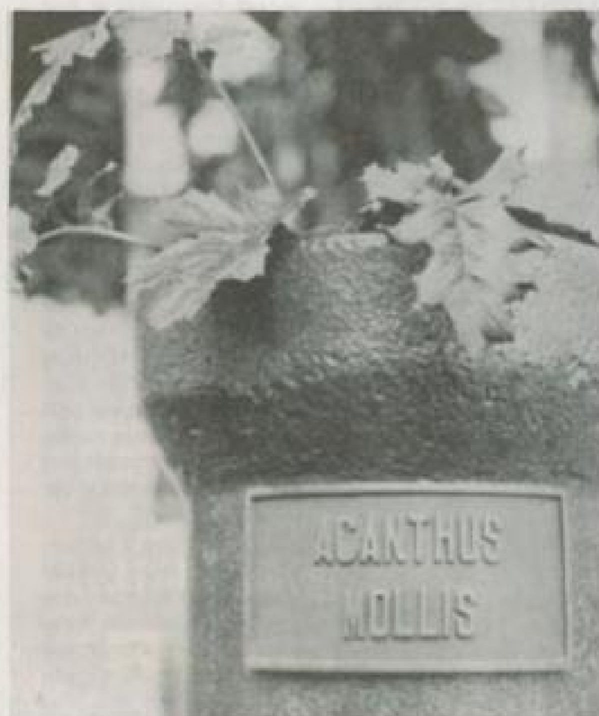
À solenidade compareceram o Cmt II Exército, o Cmt 2.ª Região Militar e oficiais, praças e funcionários civis daqueles Comandos.



Folha de Acanto

Foram plantados nos jardins do Depósito Regional de Material de Intendência/2 (São Paulo—SP) espécimes remanescentes de ACANTHUS MOLLIS e ACANTHUS MONTANUS, originários das orlas do Mediterrâneo, no Sul da França.

Estes raros vegetais são os que, em composição, inspiraram a modelagem do emblema adotado pelo Serviço de Intendência.



Avaliação operacional do JARARACA



O 3.º Esqd C Mec (Brasília—DF), recebeu um Carro Blindado Leve EE-3 JARARACA, fabricado pela ENGESA, para que fosse realizada sua avaliação operacional.

Foram efetuados diferentes tipos de testes, estabelecidos pelo EME, visando à obtenção de resultados que permitissem verificar sua adequabilidade para substituir as viaturas 1/4 ton nas Unidades de Reconhecimento de Cavalaria.

Como resultado, várias modificações foram solicitadas ao fabricante para aperfeiçoar o desempenho operacional do carro blindado.

Pentatlo Militar



O 5.º Batalhão de Engenharia de Combate, como justo reconhecimento ao melhor atleta do Batalhão em todos os tempos, criou a Pista de Pentatlo Militar "Cb Giácomo" em homenagem ao 3.º Sgt do Quadro Especial Arnaldo Della Giácomo que, quando cabo, representou a Unidade, a 5.ª RM, o III Exército, o Exército Brasileiro em competições nacionais e as Forças Armadas Brasileiras em competições internacionais.

IBE

Instituto de Biologia do Exército

O **Instituto de Biologia do Exército** (IBE) foi criado em 19 de dezembro de 1894, pelo Decreto n.° 1915, com a denominação de Laboratório Militar de Bacteriologia e Microscopia Clínicas. Sua inauguração só se deu, entretanto, a 2 de julho de 1896, quando entrou em atividade o Laboratório.

Teve sua sede inicial à Rua Senador Furtado (Rio de Janeiro—RJ), passando pouco depois para um próprio nacional, à Rua General Canabarro n.° 40, de onde foi transferido para um pavilhão do Hospital Central do Exército, em 11 de agosto de 1905.

O Instituto funcionou até o início de 1924 como um simples laboratório de bacteriologia, mas, neste ano teve um grande desenvolvimento, com a criação de novos setores exigidos pelas necessidades do atendimento às diversas ocorrências que surgiram nessa época.

Em 1932, a organização passou a denominar-se **Instituto Militar de Biologia.** Ainda nesse ano, a 23 de abril, foi inaugurado o novo edifício-sede onde, até a presente data, se encontra instalado.

Em 1943, mais uma vez o Instituto teve a sua denominação modificada para **Instituto de Biologia do Exército**, que permanece até hoje.

PIONEIRO NO PAÍS

O IBE foi pioneiro no estudo de bacteriologia no País, antes mesmo que o seu ensino fosse oficializado.

No início do século, o Laboratório iniciou e dirigiu, cientificamente, o serviço de polícia sanitária dos animais nos Regimentos da Capital do País. Foi responsável, em 1908, pela primeira Revista Bacteriológica editada no Brasil, e que se denominava "ARQUIVOS DO LABORATÓRIO MILITAR DE BACTERIOLOGIA E MICROSCOPIA CLÍNICAS".

Comprovou, em 1920, através da bacteriologia, a existência entre nós da meningite cérebro-espinhal de Weichselbaum, assim como verificou o ressurgimento, em 1928, no Rio de Janeiro, da febre amarela, após 20 anos de ausência. Produziu em 1932, pioneiramente, o soro antigangrenoso que grandes serviços prestou à humanidade, quando não se conheciam ainda os antibióticos; preparou a vacina mista Te-Tab, da mais alta importância militar, como recurso de proteção prévia da tropa e que, até então, não tinha similar entre nós.

Entre as missões do IBE, algumas delas se destacam pela importância de sua execução, tais como pesquisa, ensino, medicina preventiva e auxílio no diagnóstico. Com essas funções o IBE atende à família militar e colabora no encontro de soluções para os problemas de saúde e preparo de pessoal especializado.





COOPERAÇÃO COM AS UNIVERSIDADES

Na área de ensino e formação o IBE atua intensamente, fazendo passar por suas seções, militares e civis, alunos dos cursos de Medicina, Farmácia e Biologia, ou já formados, realizando desta forma um estágio de cerca de 12 meses, numa cooperação com as Universidades.

Reuniões científicas são realizadas, quinzenalmente, no Centro de Estudos do Instituto, onde são proferidas palestras por diversos médicos militares e civis.

O FUSEX

Com a implantação do FUSEX, em maio de 1979, cresceram as atividades do IBE, aplicando-se técnicas que não eram feitas até então, como, por exemplo, os exames por imunofluorescência para toxoplasmose e leishmaniose tegumentar e visceral e exame para diagnóstico precoce da rubéola.

Como prova da importância do trabalho realizado pelo IBE, os dados estatísticos revelam que, no ano passado, até o mês de outubro, foram realizados 245.502 exames e atendidos 34.774 pacientes; foram produzidas 455.790 doses de toxóide tetânico e 319.800 de vacinas antitifóidica, fornecidas ao Exército, à Marinha do Brasil e às Forças Armadas do Paraguai.

Também o Banco de Sangue tem participação nas atividades do IBE, tendo fornecido esse precioso elemento aos militares e a seus dependentes em qualquer hospital onde se encontrem.

O IBE, com a modernização de suas instalações e aparelhagem, vem proporcionando um bom atendimento aos seus usuários, integrantes do SAMMED/FUSEX.